

Plutarco entre mundos

visões de Esparta, Atenas e Roma

**Pilar Gómez Cardó, Delfim F. Leão,
Maria Aparecida de Oliveira Silva
(coords.)**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

**O LEGISLADOR E SUAS ESTRATÉGIAS DISCURSIVAS:
TEATRALIDADE E LINGUAGEM METAFÓRICA NA *VIDA DE SÓLON*¹
(The statesman and his discourse strategies: theatricality and metaphorical
language in the *Life of Solon*)**

DELFINO F. LEÃO (leo@fl.uc.pt)

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra

RESUMO - Ao longo da sua existência, Sólon teve, por diversas vezes, uma intervenção importante na cena política ateniense, geralmente num contexto de grande instabilidade social. Assim aconteceu com a forma como conseguiu contornar limitações legais e exortar os seus concidadãos a recuperar a auto-estima, exibindo uma falsa loucura ao apresentar a elegia de Salamina. O carácter astuto do estadista pode ainda ser detetado na designação metafórica adotada para a sua primeira medida emblemática – a *seisachtheia*, um revolucionário cancelamento de dívidas a que chamou literalmente ‘livrar-se de um fardo’. Neste estudo, discute-se a forma como Plutarco usa a sua ironia discreta na altura de caracterizar a estratégia discursiva de um estadista tão paradigmático como Sólon, bem como a ambivalência da sua oposição a Pisístrato.

PALAVRAS CHAVE - Plutarco, Sólon, Ulisses, Pisístrato, comportamento teatral, metáforas, ambivalência discursiva.

ABSTRACT - Throughout his life, Solon intervened at different times in the Athenian political scene, usually against a backdrop of great social instability. Such was the case when he found a way to skirt legal impediments and to exhort his fellow citizens to recapture their own self-esteem, by exhibiting a fainted madness while performing the elegy for Salamis. The playful character of the statesman can also be detected in the way he decided to label his first emblematic reform – the *seisachtheia*, the revolutionary cancelling of debts, which he literally termed a ‘shaking off’ of burdens’. This paper intends to discuss the way Plutarch displays some of his discrete irony when depicting a statesman as paradigmatic as Solon, as well as the latter’s ambivalent behaviour during the opposition against Pisistratus.

KEY WORDS - Plutarch, Solon, Odysseus, Pisistratus, theatrical behaviour, metaphors, ambivalent discourse.

Durante o processo de afirmação de Sólon no panorama político ateniense, a disputa da ilha de Salamina ocupa um posto importante, constituindo ainda,

¹ Na essência, este estudo corresponde a um outro intitulado “As jogadas de Sólon e a esperteza dos Atenienses: Plutarco e o uso irónico da teatralidade e das metáforas na *Vita Solonis*”, publicado inicialmente em Maria Cristina Pimentel & Paulo Farmhouse Alberto (eds.), *Vir bonus peritissimus aequae. Estudos de homenagem a Arnaldo do Espírito Santo* (Lisboa, Centro de Estudos Clássicos, 2013, pp. 175-185). A versão que agora se apresenta foi entretanto objeto de revisão e de adaptação.

segundo a tradição, um dos momentos em que o futuro legislador pôs à prova, de maneira eficaz, os seus dotes performativos, numa altura em que o teatro não existia ainda oficialmente em Atenas. É sobre o engenho inventivo de Sólon que se irá refletir, em primeiro lugar, explorando em seguida a forma como esse tipo de atuação poderia corresponder a uma característica própria dos Atenienses, como o próprio Plutarco sugere na *Vida de Sólon* (15.2) — característica essa que teria inclusive deixado marcas no uso metafórico da linguagem, aplicada à realidade política e legal. A última parte do estudo abordará a maneira como Plutarco apresenta as tentativas de Sólon para impedir a subida ao poder de Pisístrato — um processo marcado igualmente por uma forte carga teatral, simbólica e metafórica, que permeia de sardónica ironia um período tenso da história política e constitucional de Atenas.

1. UM POETA ASTUTO: OS VERSOS DO CANTOR E A LOUCURA FINGIDA

Os pormenores relativos à disputa de Salamina não são fáceis de reconstituir, além de que não é necessário, para os propósitos deste estudo, retomar essa questão em detalhe, na medida em que o objetivo consiste agora em analisar a forma como Sólon soube colocar habilmente o tema da conquista da ilha na ordem política do dia. Com efeito, a luta entre Mégara e Atenas por causa do domínio de Salamina constituiu um processo moroso e complexo, se bem que a motivação básica seja clara: controlar uma ilha com evidente importância estratégica. As fontes nem sempre coincidem quanto aos protagonistas de cada fase nem quanto à forma como os eventos foram conduzidos, e mesmo entre os críticos modernos não é fácil atingir um consenso². Ainda assim, será legítimo afirmar que o diferendo se integra no processo de desenvolvimento do comércio marítimo na bacia oriental e ocidental do Mediterrâneo, que, em meados do séc. VII, se tinha já espalhado como atividade próspera e autónoma, a ponto de permitir a fundação de colónias comerciais a par de outras agrícolas. De facto, a ocupação de Salamina por parte dos Atenienses denota a preocupação de garantir uma rota marítima segura que possibilitasse o uso incondicionado dos portos no sul da Ática e também a abertura de uma via para atingir o Istmo de Corinto. Haverá que admitir ainda um outro aspeto, de maneira a conciliar de alguma forma os testemunhos antigos: a guerra com Mégara deve ter-se desenrolado ao longo de um período alargado e em campanhas diversas³.

² Para um conspecto das fontes antigas relativas à questão de Salamina, vide Martina (1968) 122-130. Para uma discussão mais aprofundada sobre os pormenores históricos e ideológicos relativos à disputa da ilha, vide Leão (2001) 250-264, estudo de que agora se recuperam algumas das linhas essenciais da argumentação.

³ De resto, Plutarco, a principal fonte, parece sugerir isso mesmo, como afirma num passo (*Sol.* 8.1) adiante comentado.

O diferendo remontaria, possivelmente, à tentativa de Cílon de tomar o poder pela força, com o apoio de familiares, amigos e, sobretudo, com tropas fornecidas pelo sogro, o tirano Teágenes de Mégara⁴. A tentativa fracassou e uma boa parte dos seus apoiantes acabaria por ser assassinada à traição, possivelmente com responsabilidades diretas para Mégacles, um Alcmeônida, arconte na altura, que prometera imunidade aos responsáveis pelo golpe e um julgamento justo. Como resultado desta situação, houve uma longa contenda entre os partidários de Cílon que escaparam e os Alcmeónidas (apelidados de *enageis* ‘sacrílegos’), que seria resolvida apenas cerca de uma geração mais tarde, em tempos de Sólon. Embora sem se pretender abordar agora a polémica reconstituição desses antecedentes, há ainda assim algumas conclusões que podem ser avançadas com certa segurança e que será pertinente evocar: por um lado, que a disputa por Salamina terá sido um conflito longo que conheceu várias fases; por outro, que, numa delas, Sólon teve um papel de protagonista que lhe valeria a projeção política e social em parte responsável pela sua ascensão ao arcontado.

A forma como Plutarco apresenta o envolvimento de Sólon nesta questão ajuda a construir uma imagem do estadista muito marcada pelo recurso a estratégias de certa maneira teatrais ou até mesmo de legitimidade um tanto duvidosa, que criam algum distanciamento irónico em relação a esta forma de diplomacia política. Antes de se passar à análise do passo onde Plutarco relata a forma como o futuro legislador declamou a célebre elegia sobre Salamina (que constitui o exemplo mais expressivo dessa estratégia de atuação antes referida), será conveniente lembrar um pormenor facultado quando Plutarco refere a intervenção de Esparta no diferendo entre Atenas e Mégara. O biógrafo expõe a questão nestes termos (*Sol.* 10.1-2):

Οὐ μὴν ἀλλὰ τῶν Μεγαρέων ἐπιμενόντων, πολλὰ κακὰ καὶ δρῶντες ἐν τῷ πολέμῳ καὶ πάσχοντες, ἐποίησαντο Λακεδαιμονίου διαλλακτὰς καὶ δικαστάς. οἱ μὲν οὖν πολλοὶ τῷ Σόλωνι συναγωνίσασθαι λέγουσι τὴν Ὀμήρου δόξαν ἐμβαλόντα γὰρ αὐτὸν ἔπος εἰς νεῶν κατάλογον ἐπὶ τῆς δίκης ἀναγνῶναι (*II.* 2.557-8).

Αἴας δ' ἐκ Σαλαμῖνος ἄγεν δυοκαίδεκα νῆας,
στήσε δ' ἄγων ἴν' Ἀθηναίων ἴσταντο φάλαγγες,
αὐτοὶ δ' Ἀθηναῖοι ταῦτα μὲν οἴονται φλυαρίαν εἶναι.

Ainda assim, os Megarenses resistiam, até que, depois de muitos males haverem, nesse conflito, causado e sofrido, designaram os Lacedemónios como árbitros e juizes. Contudo, a maioria afirma que Sólon encontrou na autoridade de Homero um aliado: ou seja, depois de interpolar um verso no *Catálogo das Naus*, leu-o por altura do julgamento:

⁴ Cf. Hdt. 5.71; Th. 1.126.3; Plut., *Sol.* 12. Sobre esta questão, vide Leão (2001) 215-221.

«Ájax de Salamina conduzia doze navios
e fê-los estacionar onde se encontravam as falanges atenienses.»
Porém, os próprios Atenienses sustentam que se trata de um boato sem fundamento.

As outras fontes que referem a mesma notícia não acrescentam nada de essencial ao relato de Plutarco, que é o mais longo e completo⁵. No que se prende com a ideia de que Sólon havia interpolado o verso 558 no *Catálogo das naus*, não é de todo improvável que a acusação derive da historiografia megarense, se bem que as opiniões se dividam, tanto na antiguidade como agora⁶. Plutarco, por seu lado, ao basear-se possivelmente na discussão do assunto pelos Atidógrafos, refere a opinião de que era apenas uma calúnia infundada (φλυαρία), e daí a apresentação dos outros argumentos que terão pesado na decisão espartana. Facto digno de nota é que, para além da maior ou menor verosimilhança desta tradição, o episódio sublinha bem a valor histórico e probatório atribuído aos Poemas Homéricos, a ponto de poderem ser convocados para a resolução de delicadas questões de diplomacia externa⁷. Além disso, mesmo que não tenha fundamento, mostra que havia uma forte tradição que apresentava Sólon como um político disposto a recorrer aos mais diversos artifícios para atingir os objetivos que se propunha alcançar.

Terminadas estas observações preliminares sobre a evolução conturbada da luta por Salamina e do papel que Sólon nela terá desempenhado, a análise irá centrar-se agora em certos pormenores da forma como o futuro legislador aparece em público a tecer considerações sobre um assunto que os próprios Atenienses haviam considerado proibido. O relato feito por Plutarco é o mais rico de pormenores, pelo que será o natural guia da análise (*Sol.* 8.1-3):

Ἐπεὶ δὲ μακρὸν τινα καὶ δυσχερῆ πόλεμον οἱ ἐν ἄστει περὶ τῆς Σαλαμινίων νήσου Μεγαρεῦσι πολεμοῦντες ἐξέκαμον, καὶ νόμον ἔθεντο μήτε γράψαι τινα μήτ' εἰπεῖν αὐθις ὡς χρὴ τὴν πόλιν ἀντιποιεῖσθαι τῆς Σαλαμῖνος, ἢ θανάτῳ

⁵ E.g. D.L. 1.48; *schol. B ad Il.* 2.494-877. Estrabão (9.394) afirma que alguns atribuíam essa interpolação a Sólon e outros a Pisístrato. Para mais pormenores sobre a diferente argumentação usada por Sólon, vide Plut., *Sol.* 8-10. A grande variedade de recursos que são atribuídos ao legislador para conseguir tomar a ilha e legitimar essa conquista parece mostrar que já na antiguidade não havia certezas quanto à forma como a operação se tinha realizado. As implicações decorrentes desta questão são analisadas de forma perspicaz por Higbie (1997) 283.

⁶ Willcock (1970) 73, sustenta que, se a acusação tiver fundamento, o v. 558 poderia ter substituído uma descrição mais extensa do contingente de Ájax, facto que estaria mais de acordo com a importância deste herói, do qual não se dá, sequer, o usual epíteto de *Telamonios* ou *Telamoniades*, para o distinguir do seu homónimo. Haslam (1997) 82-83, embora se mostre cauteloso, acaba por não crer na autenticidade da história.

⁷ Higbie (1997) reflete precisamente sobre a forma como o passado (nas vertentes literária, etimológica e etnográfica) foi explorado neste episódio de Salamina.

ζημιουῖσθαι, βαρέως φέρων τὴν ἀδοξίαν ὁ Σόλων, καὶ τῶν νέων ὀρών πολλοὺς δεομένους ἀρχῆς ἐπὶ τὸν πόλεμον, αὐτοὺς δὲ μὴ θαρροῦντας ἄρξασθαι διὰ τὸν νόμον, ἐσκῆψατο μὲν ἔκστασιν τῶν λογισμῶν, καὶ λόγος εἰς τὴν πόλιν ἐκ τῆς οἰκίας διεδόθη παρακινήτικῶς ἔχειν αὐτόν· ἐλεγεία δὲ κρύφα συνθεῖς καὶ μελετήσας ὥστε λέγειν ἀπὸ στόματος, ἐξεπήδησεν εἰς τὴν ἀγορὰν ἄφνω, πιλίδιον περιθέμενος. ὄχλου δὲ πολλοῦ συνδραμόντος, ἀναβάς ἐπὶ τὸν τοῦ κήρυκος λίθον, ἐν ᾧδῃ διεξῆλθε τὴν ἐλεγείαν ἧς ἐστὶν ἀρχή·

αὐτὸς κήρυξ ἦλθον ἀφ' ἡμερτῆς Σαλαμῖνος,

κόσμον ἐπέων ᾧδῆν ἀντ' ἀγορῆς θέμενος.

τοῦτο τὸ ποίημα Σαλαμῖς ἐπιγέγραπται καὶ στίχων ἑκατὸν ἐστὶ, χαριέντως πάνυ πεποιημένον. τότε δ' ἀσθέντος αὐτοῦ, καὶ τῶν φίλων τοῦ Σόλωνος ἀρξαμένων ἐπαινεῖν, μάλιστα δὲ τοῦ Πεισιστράτου τοῖς πολίταις ἐγκελευομένου καὶ παρορμῶντος πείθεσθαι τῷ λέγοντι, λύσαντες τὸν νόμον αὐθις ἤπτοντο τοῦ πολέμου, προστησάμενοι τὸν Σόλωνα.

Ora quando os Atenienses se cansaram de alimentar uma guerra morosa e desgastante contra os Megarenses por causa da ilha de Salamina, proibiram por lei que alguém voltasse a propor, por escrito ou de viva voz, que a cidade reivindicasse Salamina, sob pena de morte. Então Sólon, sem poder suportar a vergonha e ao ver que muitos jovens apenas aguardavam um sinal para recomeçar a guerra, mas sem se atreverem a tomar a iniciativa por causa da lei, fingiu que tinha perdido a razão, espalhando-se pela cidade, a partir de sua casa, o rumor de que andava fora de si. Entretanto, compôs em segredo uma elegia, aprendeu-a de forma a recitá-la de memória e, de improviso, precipitou-se em direção à ágora, com um pequeno gorro na cabeça. Acorreu uma grande multidão e ele, subindo à pedra dos arautos, entoou a elegia que começa desta forma⁸:

«Eu mesmo vim, como arauto, da adorável Salamina,

e compus um canto, sortilégio de palavras, em vez de um discurso.»

Este poema intitula-se *Salamina* e consta de cem versos elaborados com grande beleza. Assim que terminou o canto, os amigos de Sólon começaram a louvá-lo, ao mesmo tempo que Pisístrato, em especial, incitava os cidadãos e os exortava a obedecerem às suas palavras: eles revogaram a lei e reacenderam a guerra, depois de confiarem o comando a Sólon.

Segundo o testemunho, os Atenienses haviam promulgado uma lei que punia com a morte quem fizesse alguma proposta no sentido de retomar as hostilidades com Mégara, tanto por escrito como de viva voz. Ora esta é a primeira dificuldade legal que Sólon soube contornar de forma profundamente hábil. Ele não se dirigiu à ágora para fazer um discurso nem enviou nenhuma missiva em que expusesse as suas razões. Ele vai 'cantar', 'entoar' uma elegia, como Plutarco registra (ἐν ᾧδῃ διεξῆλθε τὴν ἐλεγείαν) e o poema logo reforça (ᾧδῆν ἀντ'

⁸ Frg. 1 West.

ἀγορῆς θέμενος)⁹. Assim sendo, poderia começar por defender-se contra eventuais acusações, afirmando que não atentara contra a ‘fórmula’ da lei. No entanto, é possível que Sólon não tivesse garantias de que a sua argumentação seria válida se decidisse escudar-se apenas nessa habilidade interpretativa. Por tal motivo, o futuro legislador deve ter compreendido a vantagem de preparar melhor a sua aparição em público, dando mostras de uma profunda capacidade inventiva.

Plutarco informa que Sólon começou por fingir que tinha perdido a razão, segundo um rumor que se espalhou pela cidade a partir da sua própria casa, o que reforça a ideia de que a estratégia fora por ele pensada ao pormenor. Por outro lado, o facto de a elegia ser composta em segredo (κρύφα) parece indicar que o plano gizado seria da sua total responsabilidade e não partilhado antes da apresentação na ágora.¹⁰ Acresce o pormenor de levar na cabeça um gorro (πιλίδιον περιθέμενος) e de ter entoado a elegia sobre a pedra dos arautos (ἀναβάς ἐπὶ τὸν τοῦ κήρυκος λίθον), perante a multidão que entretanto se juntara à volta¹¹.

A correta interpretação da palavra *pididion* tem suscitado alguma polémica e, apesar de parecer um pormenor secundário, valerá ainda assim a pena recordar as principais conotações ligadas à interpretação deste termo, pela forma como reforça o carácter teatral de todo o episódio¹². Uma delas consiste em identificar *pididion* simplesmente com um diminutivo caricatural de *pilos*, o chapéu dos arautos: ao apresentar-se em público daquela maneira, Sólon estaria a reclamar a imunidade do arauto, já que ele mesmo afirma, na abertura da elegia, que se apresentara aos Atenienses nessa qualidade (αὐτὸς κῆρυξ ἤλθον). Contudo, uma dificuldade se pode levantar contra esta interpretação linear. Como ilustram outras fontes, *pididion* não era apenas um diminutivo de *pilos*, já que poderia igualmente ser usado para designar um objeto semelhante, mas com uma função bastante diversa, conforme se depreende do testemunho de Platão. Num passo da *República*¹³ em que fala da atitude dos artífices — neste caso um carpinteiro — perante a doença,

⁹ Flacelière (1947) 235 e n. 1, já refere, sem aprofundar, este pormenor.

¹⁰ A referência ao apoio explícito de Pisístrato (*Sol.* 8.4), continuado depois na expedição à ilha, não deve possuir valor histórico, tratando-se de uma invenção destinada a aproximar dois homens que, de iniciais colaboradores, se colocariam depois em posições políticas opostas. A esta questão se voltará na terceira parte do estudo.

¹¹ As outras fontes nem sempre coincidem com esta versão. Diógenes Laércio (1.46) apresenta também a ligação entre a loucura fingida e a recitação da elegia (embora não feita diretamente por Sólon) sobre a pedra do arauto; os dois motivos aliados da loucura e da recitação encontram-se em Justino e em Polieno (2.7.9. e 1.20.1, respectivamente), que podem ter-se inspirado em Plutarco; Cícero (*Off.* 1.30.108) contudo recorda apenas a loucura, e Pausânias (1.40.5) somente a elegia.

¹² Para uma análise mais detalhada dos argumentos em causa, vide Leão (2001) 258-264.

¹³ *R.* 406d. Para as outras ocorrências, vide Flacelière (1947) 242-244. Aristófanes (*Ach.* 439) põe Diceópolis a pedir a Eurípides os adereços com que o dramaturgo caracterizava algumas das suas personagens trágicas; entre esses atavios, refere também o *pididion*. Mastrocinque (1984), que analisa o passo aristofânico, salienta que o termo visava acentuar a estultícia da personagem.

Platão parece sustentar que o *pilidion* era uma espécie de barrete que os doentes colocavam na cabeça, talvez com o intuito de manter o calor. O despropósito de aparecer com essa indumentária em público era, portanto, sinal de doença — a raiar mesmo a insanidade. Ora no relato de Plutarco, a ideia da insanidade mental aparece referida também de forma clara, pelo que não haverá necessidade de ver nestas duas interpretações do termo *pilidion* tradições alternativas, mas antes complementares. Na eventualidade de alguma coisa correr mal, Sólon gozaria, assim, de uma dupla ‘indulgência’: a do arauto e a do louco¹⁴. A *mania* de Sólon, que Plutarco diz ter sido apregoada deliberadamente, encontrava portanto um possível símbolo exterior no gorro com que o futuro legislador se dirigiu à ágora¹⁵. O que, na atitude do reformador, sugeria o desequilíbrio psíquico era a estranheza de aparecer com essa indumentária doméstica em plena ágora.

2. UM LEGISLADOR ENGENHOSO: A *SEISACHTHEIA* E OS ATENIENSES

Na viragem do séc. VII para o séc. VI, Sólon congregava em si determinado número de características e um percurso pessoal que faziam dele o candidato natural à liderança política num delicado contexto de *stasis* ou conflito interno. Por isso, talvez se justifique a tarefa de ensaiar uma possível reconstituição do seu *curriculum*, embora sem esquecer as reservas que uma operação desta natureza comporta¹⁶. Sólon provinha de uma família aristocrática e, motivado ora por necessidades económicas ora pelo desejo de conhecimento, empreendera ainda novo uma série de viagens, onde pudera contactar com outras culturas e personalidades. Essa experiência ter-lhe-á desenvolvido (ou acentuado) um certo sentido prático e mostrado as oportunidades económicas derivadas do comércio e da abertura a novos mercados, bem como a necessidade de adaptar a legislação à realidade social emergente. Em Atenas, a intervenção oportuna e decisiva no processo relativo à disputa de Salamina com Mégara iria lançá-lo definitivamente como grande figura pública (supra secção 1). Por outro lado, há a

¹⁴ Alguns estudiosos defendem que a tradição da loucura fingida foi suscitada pelo conteúdo da poesia de Sólon (como o frg. 10 West), que daria a entender que o legislador talvez tivesse sido vítima dessa acusação pela parte dos contemporâneos. E.g. Masaracchia (1958) 91; Noussia-Fantuzzi (2010) 324-325.

¹⁵ Wyatt (1975) 46-47, partindo de uma relação entre *pilos* e *kyrbasia* (e daí também entre *pilidion* e *kyrbis*), — paralelo estabelecido anteriormente por Hansen (1975) 39-45 — sugere que os termos *pilidion* e *kyrbis* são sinónimos, pelo menos no sentido de gorro do inválido ou do louco. Assim, as leis de Sólon seriam inicialmente referidas jocosamente como as leis dos ‘chapéus’ (*kyrbeis*), ou seja, as leis da ‘mente de um louco’. Trata-se de uma hipótese original e hábil, na longa discussão, que já remonta à antiguidade, sobre o sentido de *kyrbeis* e de *axones*, mas bastante improvável.

¹⁶ A problemática à volta dos dados biográficos de Sólon encontra-se discutida em pormenor em Leão (2001) 239-279. Neste ponto, serão apenas evocadas as conclusões gerais decorrentes dessa debatida questão.

juntar ainda as ideias veiculadas nos poemas que, além de fazerem o diagnóstico dos males da sociedade, poderiam constituir também uma espécie de promessa política velada, que criara expectativas diferentes nas fações rivais¹⁷. Em todo o caso, e apesar de esta reconstituição dos eventos que levaram Sólon ao arcontado estar globalmente de acordo com os indícios presentes nas fontes, há que reconhecer que, em questões de pormenor, se mantém especulativa. Mesmo assim, afigura-se seguro sustentar que, aos olhos dos restantes atenienses, Sólon aparecia como pessoa madura, experiente, respeitada e consensual, a ponto de merecer a confiança generalizada, acentuando assim uma notável capacidade de agregação e liderança, que revelara já no episódio relativo a Salamina. Reunia, por isso, o necessário consenso para assumir, em 594/3, o cargo de arconte, num cenário particularmente marcado por tensões sociais intensas.

O arcontado de Sólon ficará conhecido como um dos momentos mais dinâmicos da história constitucional de Atenas. Mas antes de proceder à criação de um novo código de leis, que darão origem a uma nova constituição, o estadista promoveu uma série de medidas de emergência, que visavam criar as condições para a implementação de mudanças mais profundas. Essas medidas preliminares ficaram conhecidas pelo nome de *σεισάχθεια* (palavra composta de *σειώ* 'alijar' + *ἄχος* 'fardo'). Para os objetivos deste estudo, não interessa tanto a controversa identificação da natureza exata das medidas assim designadas, mas antes a própria utilização do termo em si. O autor da *Constituição dos Atenienses* apresenta esta iniciativa de Sólon logo nos capítulos iniciais do tratado ([Aristóteles], *Ath.* 6.1):

κύριος δὲ γενόμενος τῶν πραγμάτων Σόλων τόν τε δῆμον ἠλευθέρωσε καὶ ἐν τῷ π[α]ρόντι καὶ εἰς τὸ μέλλον, κωλύσας δ[ανε]ῖζιν ἐπὶ τοῖς σώμασιν, καὶ νόμους ἔθηκε καὶ χρεῶν ἀπ[ο]κοπὰς ἐποίησε, καὶ τῶν ἰδίων καὶ τῶν δ[η]μοσίων, ἃς σεισάχθειαν καλοῦσιν, ὡς ἀποσεισάμενοι τὸ βᾶρος.

Depois de assumir o domínio da situação, Sólon libertou o povo tanto no presente como para o futuro, ao proibir os empréstimos sob garantia pessoal. Promulgou também leis e procedeu ao cancelamento das dívidas, tanto das privadas como das públicas, medida a que dão o nome de *seisachtheia*, uma vez que [os Atenienses] se desfizeram de um fardo.

A organização deste capítulo da *Constituição dos Atenienses* parece indicar um certo descuido, visível no facto de se introduzir uma referência à legislação no meio de questões económicas¹⁸. Para os objetivos deste estudo, mais impor-

¹⁷ E.g. frgs. 4, 4a, 4c e 15 West. David (1985) analisa toda a atuação de Sólon precisamente à luz desta possibilidade, a ponto de afirmar, com algum exagero, que o legislador foi o primeiro demagogo da história ateniense. Vide ainda Ferreira & Leão (2010) 31-42.

¹⁸ Rhodes (1981) 127-128, defende esta redação com o argumento de que o autor do tratado, à imagem do que já antes fizera (*Ath.* 2), começa por discutir o problema económico, mas

tante do que essa questão é o facto de se registar que o nome da emblemática medida ficara conhecida entre os Atenienses com a designação expressiva de *seisachtheia* (ἄς σεισάχθειαν καλοῦσιν), por se terem livrado do ‘fardo’ das dívidas (ὡς ἀποσεισάμενοι τὸ βᾶρος). O facto de o autor do tratado indicar uma autoria indefinida (καλοῦσιν) para aquela palavra deixa entrever que o termo *seisachtheia* não apareceria nos poemas de Sólon¹⁹. Plutarco atribui um sentido idêntico à interpretação do termo, mas acrescenta alguns pormenores que reforçam a ironia de certas características da personalidade de Sólon e, por extensão, dos Atenienses como um todo (*Sol.* 15.2):

ἂ δ' οὖν οἱ νεώτεροι τοὺς Ἀθηναίους λέγουσι τὰς τῶν πραγμάτων δυσχερείας ὀνόμασι χρηστοῖς καὶ φιλανθρώποις ἐπικαλύπτοντας ἀστείως ὑποκορίζεσθαι, τὰς μὲν πόρνas ἐταίρας, τοὺς δὲ φόρους συντάξεις, φυλακὰς δὲ τὰς φρουρὰς τῶν πόλεων, οἴκημα δὲ τὸ δεσποτικόν καλοῦντας, πρώτου Σόλωνος ἦν ὡς ἔοικε σόφισμα, τὴν τῶν χρεῶν ἀποκοπὴν σεισάχθειαν ὀνομάσαντος.

E quanto ao que os autores mais recentes dizem do facto de os Atenienses urbanamente disfarçarem com termos agradáveis as realidades penosas, atenuando-as com termos agradáveis e benéficos (às prostitutas chamam ‘companheiras’, aos impostos ‘contribuições’, ‘vigilantes’ às guarnições das cidades, ‘casa’ ao cárcere), parece que terá sido Sólon o primeiro a usar a habilidade, pois chamou *seisachtheia* à extinção das dívidas.

A atribuição direta a Sólon da invenção do termo *seisachtheia* é sustentada por Plutarco em vários passos dos *Moralia*²⁰. Em *Praecepta gerendae reipublicae* 807D, o biógrafo regista mesmo que o termo *seisachtheia* ‘era uma expressão agradável para designar a extinção das dívidas’ (ἦν ὑποκόρισμα χρεῶν ἀποκοπῆς). Esta ideia de recorrer a eufemismos para referir realidades incómodas é, de resto, o aspeto central do passo da biografia citado e constitui um pormenor interessante que não se encontra nas restantes fontes. Com efeito, Plutarco sugere (ὡς ἔοικε) que foi Sólon quem introduziu a prática de ‘urbanamente disfarçar com termos agradáveis’ (ἐπικαλύπτοντας ἀστείως ὑποκορίζεσθαι) medidas ou realidades impopulares. O biógrafo não identifica os ‘autores mais recentes’ (νεώτεροι) aos quais atribui a opinião de que os Atenienses generalizaram o uso de eufemismos, elucidando esse hábito com exemplos concretos, numa seleção de vocábulos marcada por um tom sarcástico (como a opção de chamar ‘companheiras’ às

aproveita para anunciar de antemão o tema político que irá desenvolver posteriormente.

¹⁹ Sobre a *seisachtheia*, apresentada em ligação com a obra do legislador (frg. 36 West de Sólon), vide ainda [Aristóteles], *Atb.* 12.4.

²⁰ E.g., *Alex. fort. virt.* 343C. Sinopse das fontes antigas relativas à *seisachtheia* em Martina (1968) 141-146. Síntese das diferenças de pormenor entre as várias fontes em Manfredini & Piccirilli (1995) 186-188.

prostitutas ou ‘contribuições’ aos impostos claramente ilustra). A inovação engenhosa (σόφισμα) pode ter sido de Sólon, mas a ironia da exemplificação é claramente de Plutarco e acaba por situar-se na mesma linha da caracterização do comportamento teatral de Sólon: fazer uma apresentação um tanto desfocada da realidade, ludibriando assim ao menos em parte o auditório, ainda que esse engano até possa ser motivado por fins louváveis.

3. UM PAR AMBIVALENTE: SÓLON E PISÍSTRATO

Depois da implementação da *seisacththeia* e da *nomothesia*, Sólon partiu numa longa viagem, que o manteria ausente de Atenas durante uma década inteira, pelo menos. Depois do seu regresso a Atenas, viveu ainda o suficiente para assistir à tomada do poder por Pisístrato. Com efeito, as fontes²¹ registam uma tradição muito difundida, segundo a qual Sólon se tinha oposto à primeira tentativa de Pisístrato de instalar uma tirania, daqui decorrendo que, embora fosse já de idade avançada, o velho legislador ainda estaria vivo em 561/60. Não há razões suficientes para se pôr em causa esta tradição, já que, nos seus poemas, Sólon avisou repetidamente os seus concidadãos sobre os perigos reais da ameaça da tirania (e.g. frgs. 11, 33 West), facto que vem provar, aliás, que ele estava a fazer a leitura correta das manobras políticas de Pisístrato. A forma como é descrito por Plutarco o relacionamento entre estes dois homens apresenta certos pormenores dignos de nota para o tema deste estudo, pela forma como ilustram o carácter teatralizado da atuação política, tal como foi antes discutido (supra secção 1)²². Impulsionados embora por objetivos distintos, Sólon e Pisístrato partilham ainda assim traços comuns, no que diz respeito a estratégias usadas para impressionar os seus concidadãos — característica que o biógrafo claramente sublinha (*Sol.* 30.1):

Ἐπεὶ δὲ κατατρώσας αὐτὸς ἑαυτὸν ὁ Πεισίστρατος καθῆκεν εἰς ἀγορὰν ἐπὶ ζεύγους κοιμζόμενος, καὶ παρῶξυνε τὸν δῆμον ὡς διὰ τὴν πολιτείαν ὑπὸ τῶν ἐχθρῶν ἐπιβεβουλευμένος, καὶ πολλοὺς εἶχε <τοὺς συν>αγανακτοῦντας

²¹ [Aristóteles], *Atb.* 14.2; Plut., *Sol.* 30.6; D.L. 1.49; Val. Max. 5.3. Sobre o relacionamento entre Sólon e Pisístrato, vide Leão (2008), estudo que está na base de alguns dos argumentos usados nesta última secção.

²² Uma das expressões da ironia discreta de Plutarco pode ser encontrada no facto de, apesar de referir a tendência de Sólon para recorrer a um comportamento teatral em momentos de elevada tensão pública, ele apresentar igualmente o estadista como crítico dos dramas incipientes de Téspis (*Sol.* 29.6-7), precisamente por a ilusão dramática poder estimular a mentira — exemplificada pelas manobras de Pisístrato para implantar a tirania, referida logo a seguir (*Sol.* 30.1). Este episódio, cuja historicidade está sujeita a fundamentadas dúvidas, tem sido geralmente interpretado como tentativa de reforçar o carácter elevado de Sólon, mas o certo é que a dimensão performativa do comportamento de Sólon é um traço várias vezes salientado nesta biografia. Síntese das várias interpretações do encontro com Téspis em Manfredini & Piccirilli (1995) 271-273.

καὶ βοῶντας, προσελθὼν ἐγγὺς ὁ Σόλων καὶ παραστάς ‘οὐ καλῶς’ εἶπεν
‘ὦ παῖ Ἴπποκράτους ὑποκρίνη τὸν Ὀμηρικὸν Ὀδυσσεά· ταῦτά γὰρ ποιεῖς
τοὺς πολίτας παρακρούμενος, οἷς ἐκεῖνος τοὺς πολεμίους ἐξηπάτησεν,
αἰκισάμενος ἑαυτόν.’

Ora, depois de se ferir a si mesmo, Pisístrato dirigiu-se à ágora, fazendo-se transportar num carro, e começou a exacerbar o povo, dizendo que, por causa das suas ideias políticas, havia sido vítima de uma conspiração montada pelos adversários. Recolhia já a indignação e o alarido de muitos apoiantes, quando Sólon se adiantou e, postado em frente dele, disse: «É com pouco jeito, filho de Hipócrates, que desempenhas o papel do Ulisses homérico: é que te vales, com o objetivo de enganar os teus concidadãos, dos mesmos artifícios que ele usou para burlar os inimigos, quando a si mesmo se feriu.»

O passo em análise começa por referir o estratagema montado por Pisístrato, ao apresentar-se como vítima de um ataque, de maneira a justificar a exigência ao Estado de uma escolta militar pessoal, que mais tarde iria usar como força de apoio para tomar o poder à força. Segundo Plutarco, Sólon intuiu rapidamente as reais intenções de Pisístrato, acusando-o de usar, com menor habilidade, o mesmo expediente utilizado por Ulisses, ao ferir-se a si mesmo. Com efeito, na *Odisseia* (4.240-258), Helena havia descrito a forma como o herói de Ítaca tinha conseguido entrar em Troia sem ser notado, na altura em que se disfarçou de mendigo, chegando mesmo ao ponto de ferir o próprio corpo, de maneira a conferir maior credibilidade ao embuste.

Quando as intenções do tirano se tornaram finalmente claras para todos, também nessa altura a atitude do velho legislador iria destacar-se entre os poucos que ousaram resistir, num gesto de novo altamente teatral, a fazer lembrar as primeiras aparições públicas de Sólon enquanto jovem político. Mesmo em idade avançada, o legislador conseguiu assim mostrar que não tinha perdido a habilidade para desempenhar o seu papel no cenário político — ainda que a sua audiência não se revelasse tão recetiva como no passado. Plutarco sublinha isso mesmo, ao estabelecer um contraste explícito e profundamente irónico entre este ancião determinado e o comportamento ridículo dos outros cidadãos (*Sol.* 30.6-7):

ὁ δὲ Σόλων ἤδη μὲν ἦν σφόδρα γέρων καὶ τοὺς βοηθοῦντας οὐκ εἶχεν, ὅμως δὲ προῆλθεν εἰς ἀγοράν καὶ διελέχθη πρὸς τοὺς πολίτας, τὰ μὲν κακίζων τὴν ἀβουλίαν αὐτῶν καὶ μαλακίαν, τὰ δὲ παροξύνων ἔτι καὶ παρακαλῶν μὴ προέσθαι τὴν ἐλευθερίαν· ὅτε καὶ τὸ μνημονευόμενον εἶπεν, ὡς πρῶην μὲν ἦν αὐτοῖς εὐμαρέστερον τὸ κωλύσαι τὴν τυραννίδα συνισταμένην, νῦν δὲ μερίζον ἔστι καὶ λαμπρότερον ἐκκόψαι καὶ ἀνελεῖν συνεστῶσαν ἤδη καὶ πεφουκυῖαν. οὐδενὸς δὲ προσέχοντος αὐτῷ διὰ τὸν φόβον, ἀπῆλθεν εἰς τὴν οἰκίαν τὴν ἑαυτοῦ, καὶ λαβὼν τὰ ὄπλα καὶ πρὸ τῶν θυρῶν θέμενος εἰς τὸν στενωπὸν, ‘ἐμοὶ μὲν’ εἶπεν ‘ὡς δυνατὸν ἦν βεβοήθηται τῇ πατρίδι καὶ τοῖς νόμοις.’

Quanto a Sólon, já era de idade muito avançada e não podia contar com apoiantes. Ainda assim, apresentou-se na ágora e discursou aos concidadãos, ora para criticar a sua abulia e fraqueza, ora ainda para os incitar e apelar a que não deixassem fugir a liberdade. Foi então que pronunciou aquele dito memorável: que, pouco antes, lhes teria sido mais fácil impedir que a tirania se formasse; mas agora, que ela já estava estabelecida e implantada, empresa maior seria e mais gloriosa abatê-la e destruí-la. No entanto, dado que ninguém, por receio, lhe prestava atenção, regressou a casa, pegou nas armas e colocou-as diante da porta que dá para a rua, dizendo: «Pela minha parte, dei à pátria e às leis o auxílio que me era possível dar.»

O golpe de estado de Pisístrato ocorreu em 561/60, portanto num período em que Sólon deveria andar já pelos setenta anos, uma idade que já lhe não permitia envolver-se fisicamente em lutas pela defesa da liberdade. Por essa razão, o gesto simbólico de depor as armas diante da porta de casa vinha sublinhar que ele tinha já dado à pátria e às leis tudo o que estava ao seu alcance poder dar. Ainda assim, um *polites* dedicado como o velho legislador continuava a poder esgrimir uma outra importante arma, da qual, na verdade, sempre se servira com assinalável eficácia: a palavra — não apenas as palavras pronunciadas em público na ágora, encorajando os concidadãos (como fizera já no passado, a propósito da disputa de Salamina), mas também as palavras escritas que deixara gravadas na sua poesia.

Antes do final da biografia, Plutarco faculta um último exemplo elucidativo do carácter astuto de Sólon, bem como da sua habilidade para explorar cenas teatralizadas e ditos espirituosos, enquanto recurso para sublinhar ironicamente desfechos inesperados (*Sol.* 31.1):

Ἐπὶ τούτοις δὲ πολλῶν νοουθετούντων αὐτὸν ὡς ἀποθανούμενον ὑπὸ τοῦ τυράννου, καὶ πυνθανομένων τίνι πεποιθῶς οὕτως ἀπονοεῖται, ‘τῷ γήρα’ εἶπεν.

À conta destes versos, muitos o advertiam de que ele acabaria por ser morto pelo tirano e quando inquiriam em que se fiava ele para assim desvairar, ele respondia: «Na velhice.»

Uma vez mais, o que ressalta da narrativa é o indomável carácter de Sólon, bem como a sua capacidade para transformar uma franqueza em vantagem, ao declarar que a sua velhice poderia ser, afinal, o maior aliado contra o risco de sofrer retaliações da parte de Pisístrato²³. Torna-se assim bastante claro que, do

²³ Não é improvável que esta declaração possua algum valor histórico, pois quadra bem com princípios defendidos por Sólon na sua poesia, como é o caso da bem conhecida ideia de que o avanço da idade traz consigo desenvolvimento intelectual, como vem expresso de forma lapidar

início ao fim da bibliografia, Plutarco conseguiu ilustrar de maneira bastante eficaz o caráter performativo dos políticos, bem como a sua propensão para usar metáforas sonoras (com vista a disfarçar a dureza das reais intenções), sublinhando assim, com fina ironia, a conduta e as estratégias discursivas de personalidades famosas do passado ateniense.

no frg. 18 West. Os frgs. 20 e 21 contribuem também para acentuar este mesmo universo de valores, contrário de resto ao espírito pessimista que marcava a obra de outros poetas da Época Arcaica.

BIBLIOGRAFIA

- David, E., «Solon's electoral propaganda», *RSA* 15 (1985) 7-22.
- Ferreira, J. R. & Leão, D. F., *Dez grandes estadistas atenienses*, Lisboa, 2010.
- Flacelière, R., «Le bonnet de Solon», *REA* 49 (1947) 235-247.
- Hansen, H., «What was a *kyrbis*?», *Philologus* 119 (1975) 39-45.
- Haslam, M., «Homeric papyri and transmission of the text», in I. Morris & B. Powell (eds.), *A new companion to Homer*, Leiden, 1997, pp. 55-100.
- Higbie, C., «The bones of a hero, the ashes of a politician: Athens, Salamis, and the usable past», *CA* 16 (1997) 278-307.
- Leão, D. F., *Sólon. Ética e política*, Lisboa, 2001.
- «A *Sophos* in arms: Plutarch and the tradition of Solon's opposition to the tyranny of Pisistratus», in J. Ribeiro Ferreira, L. Van der Stockt & M. do Céu Fialho (eds.), *Philosophy in Society. Virtues and Values in Plutarch*, Leuven/Coimbra, 2008, pp. 129-138.
- Manfredini, M. & Piccirilli, L., *Plutarco. La vita di Solone*, Milano, 1995.
- Martina, A., *Solon. Testimonia veterum*, Roma, 1968.
- Masaracchia, A., *Solone*, Firenze, 1958.
- Mastrocinque, A., «Gli stracci di Telefo e il cappello di Solone», *SIFC* 77 (1984) 25-34.
- Noussia- Fantuzzi, M., *Solon the Athenian. The poetic fragments*, Leiden, 2010.
- Rhodes, P. J., *A Commentary on the Aristotelian Athenaiion Politeia*, Oxford, 1981 [reimpr. com addenda 1993].
- Willcock, M. M., *A commentary on Homer's Iliad*, London, 1970.
- Wyatt Jr., W. F., «Why *kyrbis*?», *Philologus* 119 (1975) 46-47.